

Literatura e cinema nas aulas de língua inglesa: promovendo a leitura.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo apresentar reflexões sobre a transformação que a educação vem enfrentando devido ao uso frequente da tecnologia no meio social, que acaba impactando o modo dos alunos apreenderem e conseqüentemente a forma de ensinar. Neste cerne, o ensino de língua inglesa sofre grandes influências, especialmente com relação à leitura. Com o objetivo de mostrar que é possível usar textos literários para desenvolver o exercício da leitura nas aulas de inglês, este trabalho aponta o cinema como um suporte para leitura, demonstrando como as adaptações fílmicas auxiliam na construção dos sentidos dos textos se tornando uma ferramenta motivadora para despertar o prazer na hora de ler. Contribuindo não só para prática da leitura como também para outras habilidades da língua, além de facilitar o aperfeiçoamento do idioma. Para isso, foi realizado um estudo de campo, para poder aplicar as teorias apresentadas nos decorrer da pesquisa. Para a parte prática foi elaborado um plano de aula com o recurso multimídia, em que houve o uso do conto “Little Red Riding Hood” de Charles Perrault juntamente com sua adaptação fílmica “A garota da capa vermelha” de Catherine Hardwicke, em que ambas as ferramentas foram exploradas e apresentadas de forma contextualizadas. Ao final deste processo ficou clara a importância do professor, bem como do planejamento e o trabalho contínuo para o desenvolvimento tanto da leitura quanto de outras habilidades.

PALAVRAS-CHAVE Literatura. Cinema. ensino e língua inglesa.

Etiene Caroline Farias de Mello
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Medianeira, Paraná,
Brasil.

**Maria Fatima Menegazzo
Nicodem**
fatima@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Medianeira, Paraná,
Brasil

INTRODUÇÃO

O acesso à informação tem se tornado cada vez mais fácil neste mundo pós-moderno, os dois principais responsáveis por esta agilidade são: a televisão e a internet. Dentro deste cenário, está o aluno com uma vasta gama de possibilidades, podendo obter qualquer informação, com apenas um “clique”, que na palma de sua mão se encontra uma ferramenta capaz comunicá-lo com qualquer pessoa ao redor do mundo e que os jogos o desafiam a todo o momento.

Nessa perspectiva, como despertar a vontade do aluno de apreciar uma obra literária, nas aulas de língua inglesa? Se eles têm tantos outros atrativos, que parecem ser mais interessantes. Como inserir a literatura nas aulas de inglês, sem desmotivar o aluno? É possível incentivar e desenvolver a leitura se utilizando da literatura e suas adaptações no cinema? Como o cinema pode contribuir para o ensino de línguas?

Diante destes questionamentos, reflete-se sobre a importância da leitura “nesses tempos em que impera uma visualidade peculiar, pautada na fragmentação, na rapidez e na virtualidade (...)” (NAGAMINI, 2004, p. 15) e percebe-se a necessidade de rever algumas práticas pedagógicas, para facilitar e estimular a prática de leitura nas aulas de idiomas, bem como seu ensino, pois perante tanta informação, tecnologia e outras formas de entretenimento, o educando tem se distanciado da sala de aula e perdido o gosto pela leitura, preferindo jogos, celulares e computadores ao invés de um bom livro.

Verificou-se também que, geralmente, na disciplina de língua inglesa pouco se usa a literatura como ferramenta para a prática de leitura em sala de aula, seja pelo pouco tempo disponível para as aulas de línguas ou pela complexidade de elaborar aulas se utilizando da literatura, com isso o educando perde a oportunidade de explorar um universo criativo e autêntico, pois a literatura o aproxima mais com a língua “real”, sem contar a motivação e a intertextualidade que as adaptações fílmicas propõem neste tipo de aula.

Neste contexto, buscou-se uma ferramenta que como as citadas a cima, despertaria o prazer pela leitura e auxiliaria na construção dos sentidos dos textos, identificando o cinema, como um importante suporte para estimular e colaborar no aprendizado, tornando-o assim mais significativo.

Para verificar se realmente literatura e cinema seriam ferramentas eficazes no ensino de línguas e para poder aplicar em prática as teorias apresentadas nos

decorrer da pesquisa, foi realizado um estudo de campo, e ao final da aula foi aplicado um questionário com os alunos, para saber suas opiniões e suas impressões. Para isso, foi elaborado um plano de aula com o recurso multimídia, em que houve o uso do conto “Little Red Riding Hood” de Charles Perrault juntamente com sua adaptação fílmica “A garota da capa vermelha” de Catherine Hardwicke, em que ambas as ferramentas foram exploradas e apresentadas de forma contextualizadas.

LEITURA E TECNOLOGIA

Acompanhando as ideias propostas por Silva (2008), pode-se dizer que o mundo moderno tem sido marcado pela presença das tecnologias na vida das pessoas no meio social e profissional. E o âmbito educacional não poderia ficar de fora de tal modernização, causando uma grande transformação no modo de ensinar e de aprender. Essa mudança também atingiu o ensino de línguas, principalmente com relação à leitura,

[...] o trabalho que se demanda para ser um leitor proficiente vai de encontro à pressa que o tempo impõe às sociedades pós-modernas, levando, por vezes, à redução do número de leitores com uma conseqüente perda de espaço para as atuais novas mídias. (GOMES, 2013, p. 12)

Por outro viés, Watermannet *al.* (2008) afirma que “o ato de ler, mesmo com toda a tecnologia colocada ao alcance do ser humano hoje, é uma prática indispensável em qualquer meio e constitui um dos fatores essenciais para aquisição do conhecimento.” Diante de tais argumentos, nota-se que a leitura tem perdido lugar para as tecnologias, de acordo com uma pesquisa feita em 2012 pela Retratos da Leitura no Brasil, evidencia que “os brasileiros estão cada vez mais trocando o hábito de ler jornais, revistas, livros e textos na internet por atividades como ver televisão, assistir a filmes em DVD, reunir-se com amigos e família e navegar na rede de computadores por diversão.” (NERÍ, 2012)

Em contraponto, isso não significa que os alunos deixassem de ler. Pelo contrário, eles lêem o tempo todo, pois são usuários assíduos da Internet e, no mundo virtual eles recebem inúmeras informações, interagem através das redes sociais e aplicativos de celulares, porém a leitura se restringe somente a isso, prazer e diversão. Por isso o professor tem um papel importante nesse processo,

pois cabe a ele atrair o aluno para o universo literário e, a tecnologia pode contribuir para que essa ação seja realizada com êxito.

Em perspicaz e pertinente análise, Holden (2001) pondera que o uso da literatura nas aulas de inglês não é uma prática tão comum, geralmente a literatura é relacionada a estudantes universitários, ela ainda ressalta que “a revolução operada pela linguagem comunicativa enfatizou o uso prático da língua estrangeira no mundo contemporâneo, em detrimento da leitura de textos de Shakespeare ou de Charles Dickens.” (p. 91). Com isso a leitura no ensino de inglês acaba se restringindo ao uso prático da língua, passando a ser como a autora cita “imediatamente utilitarista,” até mesmo porque é leitura integral de textos literários, em aulas que vão de 70 a 80 horas-aula, seria impossível, mesmo que fosse da vontade e interesse dos alunos.

Porém, se a aula for bem planejada, o uso desta ferramenta será bem motivadora e significativa, pois trabalhará a criatividade, desenvolverá o senso crítico do aluno, ele estará em contato com materiais autênticos, podendo aprender e ampliar seu conhecimento da língua e de mundo, mesmo que seja uma tarefa difícil a literatura não pode ser descartada das aulas de inglês, pois ela

[...] pode ser uma ferramenta muito útil no ensino de língua inglesa, já que dispõe de vários recursos como a sonoridade, o uso de figuras de linguagem, o estilo de escrita, vocabulário variado, que também podem ser explorados nas aulas dos cursos livres de inglês para aprimorar o aprendizado dos alunos em relação ao idioma, evitar atividades repetitivas e ao mesmo tempo enriquecer o conhecimento de mundo dos alunos. (CORCHS, 2006, p. 23)

Gomes (2013) sugere a mobilização de outras ferramentas que despertem, no aluno, o apreço pela leitura, especialmente a literária, transformando um processo, que é visto como doloroso, para um ato de prazer. Nesse cerne, o cinema é visto como um importante suporte para a construção de sentido, além de contribuir na questão motivacional, podendo ser inserido neste contexto educacional agregando significativamente no processo ensino-aprendizagem.

[...] inserir o recurso multimídia, cinema, como instrumento de ampliação do conhecimento da língua, tem fundamental importância nas relações de aprendizagem e quando isso se faz com a valorização da leitura há um preenchimento da lacuna, ainda existente, entre as diferentes linguagens as quais os alunos terão acesso ao longo de suas vidas, pois a tecnologia avança a passos largos sobre as

relações sociais, portanto a escola não pode deixar de inseri-la em seu ambiente. (SILVA, 2008, p. 14)

As ideias até aqui desenvolvidas sugerem que o cinema pode ser um importante aliado na sala de aula, traduzindo o texto escrito em reprodução de imagem – uma “transposição imaginária” (SILVA, 2008, p. 33), colaborando assim na compreensão do texto, especialmente na língua inglesa.

Em suas observações, Holden (2009) alerta que quando os alunos não estão habituados a ler bastante na própria língua, possivelmente olharão para o texto em inglês e verão um “amontoado de palavras”, podendo ou não compreendê-las. Cabe ao professor apresentar uma variedade de estratégias de leitura, que irão auxiliar no entendimento do texto e, as adaptações filmicas colaborarão nesse processo.

Volmer e Kunz (2009) reforçam essa ideia e afirmam que “o filme, pode atribuir-lhe novos lampejos de significação, reforçando ou não o significado original. A nova obra permite novo(s) olhar (es) e olhares renovadores sobre o texto literário, em um jogo de intertextualidade especular,” (p. 87), ou seja, as adaptações mesmo que não sejam fieis a obra original, podem contribuir na construção de sentido, reforçando ou ampliando o mesmo, permitindo que os educandos tenham diferentes perspectivas sobre o mesmo tema.

Vale ressaltar, que o cinema além de “ilustrar” o texto escrito, também contribui e muito no aspecto motivacional, despertando o interesse do aluno para o aprendizado, nesse caso em especial, para a leitura. Pfromm Netto (2011, p. 21) destaca que “nas modalidades audiovisuais, (como o cinema), da mesma forma que no uso conjugado de imagem fixas legendas e sons, os componentes visuais se articulam com os auditivos, de maneira a enriquecer a experiência de aprendizagem-ensino, tornando-a mais atraente, significativa e fecunda.”

Infere-se que a literatura somada ao cinema equivale a uma leitura dinâmica, prazerosa e eficaz, já que tais ferramentas estimulam os alunos a participarem e a expressarem suas opiniões e sentimentos, além de agilizar a aquisição da língua e explorar as quatro habilidades.

Mas, para que esse processo funcione de forma efetiva é necessário que o educador tenha clareza de suas metas, fazendo um planejamento prévio,

antecipando as dificuldades, expondo para a classe o que se pretende realizar na aula e que objetivos eles devem alcançar.

LITERATURA NAS AULAS DE INGLÊS

Schmitz (2009) reforça a ideia de que a carga horária disponível para as disciplinas de Língua Inglesa é reduzida, não permitindo grandes aprofundamentos nas quatro habilidades (leitura, escrita, oralidade e fala), por isso, nos PCNs é recomendado que a leitura seja enfatizada no processo de ensino nas escolas públicas.

De acordo com os PCNs (Brasil, 1998), a leitura é vista como uma habilidade central e primordial no ensino de Línguas Estrangeiras, pois ela abrange tanto a necessidade da educação formal quanto seu uso no contexto social. Além de auxiliar no desenvolvimento integral do letramento do aluno, podendo até colaborar no desempenho do educando como leitor em sua língua materna.

Nessa perspectiva, nota-se que uma das tarefas da escola é formar leitores, entretanto, vale lembrar que leitores não devem apenas reproduzir as palavras, pois a “leitura não é um processo que se resume à decodificação de sinais gráficos, mas que manifesta uma construção do sentido a partir de operações físicas e cognitivas e complexas (...)” Seguindo esta mesma ideia, ler não é um simples ato mecânico, vai além da decodificação e conhecimento de palavras, vai de encontro com experiências anteriores, intuições e expectativas, etc. (MARTINEZ, 2009, p. 87)

Em tal contexto, o ensino de Línguas Estrangeiras se insere enfrentando grandes desafios, pois se para formar leitores em uma língua materna já não é uma tarefa fácil, imagina como segunda língua, os obstáculos são ainda maiores

[...] Atualmente o ensino de línguas lida com metas ambiciosas como esta: capacitar o aprendiz a ler e a compreender criticamente os textos (de diferentes tipos e gêneros, por meio de diferentes modos/canais, como oral, escrito, em jornais, rádios, televisão, em mais de um registro linguístico, como o literário, o científico etc.). (LIMA, 2009, p. 48)

As ideias acima desenvolvidas sugerem que o leitor de língua estrangeira, no caso inglês, precise ir muito além do que traduzir palavras por palavras, até porque, como supracitado a leitura é muito mais do que decodificação, é

necessário que ele compreenda criticamente, ou seja, que ele possa tirar do texto um significado e que com suas experiências de mundo possa formar um novo conhecimento, por isso recomenda-se que

[...] o texto seja o centro do processo ensino-aprendizagem. O texto em suas diversas modalidades e por meio de vários canais, ou seja, o texto escrito (impresso ou em tela) em diferentes gêneros, tipos e registros, oral falado, oral cantado ou oral teatralizado, deve ser apresentado ao estudante antes dos tópicos gramaticais. (LIMA, 2009, p 48)

Diante do exposto, o autor sugere que o professor ao planejar a aula com leitura, faça o uso de diferentes gêneros de textos, transmitido por diversos canais e que o texto seja a chave principal do processo, ficando para segundo plano a gramática, vocabulário entre outros elementos. Em contrapartida, “não podemos priorizar o ensino de um em detrimento de outro, isto é, gramática e vocabulário fazem parte do processo, mas não são suficientes para que o aluno alcance a compreensão do texto como um todo.” (TOMITCH, 2009, p. 195).

Ainda se utilizando das ideias propostas por Tomitch (2009), além das recomendações já citadas, ela ressalva o cuidado que se deve ter ao escolher os textos, que sendo textos autênticos, também precisam ter objetivos claros. Que na hora da escolha e de seu uso, verifica-se o interesse, faixa etária e nível linguístico dos alunos e ressalta “a leitura deve ser um ato comunicativo e, portanto os textos utilizados nas aulas de leitura devem de alguma maneira informar, entreter, trazer algo de novo para o aluno.” (TOMITCH, 2009, p. 200). Assim sendo, percebe-se o papel do professor neste processo, de fornecer subsídios para que o educando alcance um aprendizado pleno e significativo e seja autônomo para seguir com seu aprendizado.

Por outro lado, sabe-se da dificuldade de se trabalhar com textos literários e autênticos nas aulas de inglês, tanto pelo tempo de aula, quanto pelo nível de inglês dos textos, implica também a interpretação, a abrangência de temas que a literatura traz, sem contar o contato com aspectos culturais. Ao trabalhar com a literatura de forma clara e objetiva o professor trará um universo rico e novo para o aluno de língua estrangeira, pois

[...] A Literatura expõe o aluno a temas complexos, novos e formas não esperadas da língua. Um bom romance ou uma estória curta pode particularmente ser fascinante, já que envolve os alunos a desenrolar o enredo. Este envolvimento

pode ser melhor assimilado pelos alunos do que as falsas narrativas frequentemente encontradas nos materiais de línguas. (LAZAR, 2004, p 15)

Mais uma vez cabe lembrar, que para que essa experiência de trazer a literatura para as aulas de inglês seja positiva, a escolha do material e o planejamento da aulas são imprescindíveis. Outro ponto que não pode ficar de fora é que o ensino língua inglesa precisa ser transformado, muitas vezes o idioma é ensinado de forma descontextualizada, mecânica e desvinculada com a cultura. Até mesmo os PCNs propõem um ensino menos mecanicista e mais significativo, que promova uma experiência de vida e o conhecimento de novas culturas como segue no trecho a seguir

“A aprendizagem de Língua Estrangeira (...) não é só um exercício intelectual em aprendizagem de formas e estruturas linguísticas em um código diferente; é, sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo. O papel educacional de Língua Estrangeira é importante, desse modo, para o desenvolvimento integral do indivíduo, devendo seu ensino proporcionar ao aluno essa nova experiência de vida. Experiência que deveria significar uma abertura para o mundo, tanto o mundo próximo, fora de si mesmo, quanto o mundo distante, em outras culturas. Assim, contribui-se para a construção, e para o cultivo pelo aluno, de uma competência não só no uso de línguas estrangeiras, mas também na compreensão de outras culturas.” (BRASIL, 1998 p. 38)

As ideias acima demonstram que é possível usar a o texto literário no ensino de idiomas, Lima (2009) evidencia o raciocínio segundo no qual o professor de línguas estrangeiras, “para lidar adequadamente com o texto em sala de aula, deve ter conhecimentos básicos de linguística funcional, análise do discurso e de pragmática.” (p.50).

Portanto para que o texto seja produtivo, ele precisa ser lido criticamente, conseqüentemente o educador precisa ser um leitor crítico, caso contrário dificilmente ele conseguirá conduzir os alunos a uma leitura crítica e muito da aula se perderá, neste caso deve-se tomar cuidado, pois “existe o risco de que a leitura seja apenas uma decodificação e não o descortinar do mundo que se abre a partir do texto” (LIMA, 2009, p. 50), voltando assim, ao processo mecânico, de simplesmente ler as palavras e não compreender o que leu.

O CINEMA E A SALA DE AULA

No meio de tantas ferramentas tecnológicas, o cinema, é visto como um grande aliado no momento de desenvolvimento da leitura, pois ele traz o visual, o texto em tela, a sonoridade, o entretenimento, enfim uma vasta possibilidade para o professor, além de motivar e chamar a atenção do aluno para o texto escrito. Para entender como as telas agem no processo de aprendizado é preciso ter em mente que

[...] O ponto essencial é que se trata sempre de uma experiência visual em que o aprendiz detecta, esquadrinha e interpreta uma ou muitas organizações deliberadas de estímulos presentes na tela e retira desta experiência algum tipo de ensinamento, que gera mudança mais ou menos duradoura em sistema nervoso, traduzida por expressões segundo as quais ele passa “saber”, “conhecer”, “entender”, “lembrar”. (PFROMM NETTO, 2011, p. 21)

Vale notar que para que qualquer recurso usado em sala de aula tenha êxito a escolha e o planejamento das estratégias a serem utilizadas é de grande relevância. É notório que a presença da tecnologia está bastante presente na vida dos alunos, então ela não pode deixar de ser inserida no ambiente escolar,

[...] principalmente no que diz respeito ao cinema que representa uma tecnologia social e cultural, que é produzida e produz significados. E configurou-se como uma alternativa a leitura das obras por ela adaptadas por se utilizar de uma linguagem própria: a imagem, que constitui um elo com a nova geração em função da divulgação nos meios de comunicação. (SILVA, 2008, p. 14)

Nagamini (2004) pondera que o professor e a escola poderão enfrentar pequenos desafios e que “o aluno, muitas vezes, tende a trocar o texto literário por adaptações que destes são feitas para o cinema (...). Assim, temos uma realidade no mínimo intrigante: assistir ao livro.” (p. 15). Diante do exposto, verificamos a importância de apresentarmos que a obra adaptada não substitui o original, que cada um tem suas características e peculiaridades, que são formas distintas de expressão artística.

Quanto a este problema, Pfromm Netto (2011) em suas argumentações afirma que toda esta vasta opção de materiais e equipamentos voltados para educar, depende principalmente dos profissionais e suas competências,

[...] a situação e o contexto da aprendizagem devem ser estimulantes, envolventes, significativos, articulados com apropriação e o uso do conhecimento. Cada aprendiz é único, com suas necessidades e capacidades individuais, suas experiências anteriores, sua visão do mundo, suas facilidades e dificuldades perante o que será aprendido. (PFROMM NETTO, 2011, p. 84)

Sendo assim, para que este ambiente de aprendizado envolvente e significativo seja criado, os profissionais de educação devem estar atentos as necessidades individuais de seus alunos e da turma como um todo, levando em conta suas capacidades e dificuldades. Nas palavras de Volmer e Kunz (2009) “o cinema pode ser usado como forma de mediação para a leitura do texto literário. Não simplesmente como substitutivo ao literário, mas como texto auxiliar.” (p. 91). O professor deve estar atento neste processo, ele deve analisar previamente os textos (literário e fílmico) verificando as semelhanças, diferenças, todas as possibilidades e estratégias para o uso desta ferramenta.

[...] Toda a atividade será guiada pelo objetivo estabelecido pelo professor e que deve estar bem claro para o aluno, pois do contrário a sessão fílmica não passará de uma atividade para preencher o tempo. Assim, pode-se assistir ao filme após a leitura e análise da obra literária, para verificar como ela foi adaptada ao cinema e que efeitos foram criados neste processo de transposição (...). Por outro lado, se a narrativa literária for por demais complexa é possível também trilhar o caminho inverso, ou seja, assistir ao filme antes de ler a narrativa literária. (VOLMER E KUNZ, 2009, p. 91)

É de responsabilidade do professor conduzir a aula e preparar o leitor para o texto tanto literário quanto o fílmico, procurando ampliar a “perspectiva intertextual” do aluno entre os textos. O educador “deverá organizar a mediação entre o aluno e os conhecimentos. Sua ação é “ensinar” e, portanto, não transmitir informações, mas ajudar o aluno a aprendê-las de maneira significativa.” (SELBACH *et al*, 2010, p. 60) Para que essa mediação ocorra o professor deve organizar, orientar e proporcionar práticas que se identifique com a realidade vivenciada pelos alunos.

[...] A fim de que haja ensino de fato, as palavras e imagens destinadas a captação pelo olhar humano numa tela precisam ser adequadamente concebidas, planejadas, exibidas e articuladas com conhecimentos anteriores dos aprendizes, com outros recursos e experiências, explicações, demonstrações e práticas, exercícios de fixação, avaliação a curto e longo prazo. (PFROMM NETTO, 2011, p. 14)

Por esse prisma, Napolitano (2013) recomenda que o filme deve ser “articulado com os conteúdos e conceitos trabalhados, bem como as habilidades e competências desejadas” (p.79), por isso deve se ter claro os objetivos da aula, para que o professor consiga contextualizar o texto com o filme e ambos com o aprendizado final. Para isso, o autor sugere que “o uso do cinema na sala de aula seja sistemático e coerente, e isso implica que os filmes sejam articulados entre si, sobretudo quando o espírito da atividade é a análise do filme como linguagem e fonte de aprendizado, mais do que catalisador de discussões” (NAPOLITANO, 2013, p. 79).

Conclui-se que independente da metodologia e as ferramentas utilizadas, o ensino só será efetivado se for correlacionado com a realidade de mundo dos alunos e se esta proporcionar algum sentido em seu uso. Pois cada um ao seu modo, “literatura e cinema, acionam distintos processos cognitivos de recepção. O texto literário narra para mostrar, já o fílmico mostra para narrar” (VOLMER E KUNZ, 2009, p. 86).

Infere-se que juntos proporcionarão um aprendizado completo, no que um deixar a desejar o outro completará a lacuna, atingindo todos os alunos, pois quem não entender pelo texto escrito poderá compreender pelo texto fílmico, então assim pode-se dizer que o ensino contemplará todos os elementos necessários para promover uma aprendizagem significativa, fato que Santos (2014) confirma dizendo “ser mais fácil ao aprendiz traçar paralelos significativos entre o despertar do imaginário no processo da leitura textual e fílmica.” (p. 80). Neste sentido, Santos ainda menciona Varrier (1988) e diz “que a adaptação fílmica pode funcionar tanto como suporte, quanto elemento paratextual tornando-se importante para a leitura de uma obra literária quando utilizada adequadamente.”

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a realização da pesquisa em questão foram disponibilizadas quatro aulas, com alunos do 1º ano do ensino médio de uma escola particular. As aulas foram divididas em duas partes: a primeira parte se constitui da leitura do conto “Little Red Riding Hood” de Charles Perrault, que é a versão original, portanto não é tão infantilizada como geralmente é conhecido, ele foi lido como se fosse uma

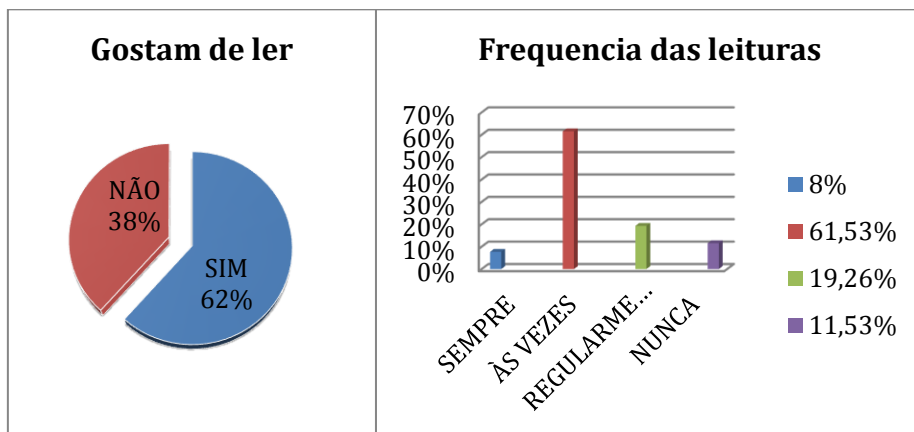
contação de histórias, após a leitura houve discussões pertinentes a ele, contendo um exercício de *writing* (a reescrita do final do conto em inglês). A segunda parte foi destinada a exibição da adaptação cinematográfica “A garota da capa vermelha” de Catherine Hardwicke, o qual foi apresentado com áudio e legendas em inglês, também suscitando discussões a respeito do filme, juntamente com o paralelo entre conto e filme, como atividade final foi proposto a produção de um vídeo em inglês com uma recriação da história, porém adaptada para os dias de hoje e com uma nova moral.

Ao avaliar os resultados obtidos por meio de um questionário aplicado à turma após as aulas, verificou-se que os dados levantados foram positivos, mostrando que unir cinema e literatura, com o objetivo de promover a leitura nas aulas de inglês, auxilia os alunos na compreensão do texto lido, eles mesmos afirmaram que a adaptação fílmica ilustrou o texto escrito, facilitando o entendimento, por mais que o filme não seja tão fiel ao texto literário, comprovando assim as ideias de Pfromm Netto (2011).

Entretanto, o ponto que ganhou destaque e corroborou com os pressupostos apresentados por Silva (2008) foi o fator motivacional, notou-se que a união destas duas ferramentas, literatura e cinema, aumentam o interesse aluno não somente na hora de ler, mas durante toda aula, promovendo um ambiente mais descontraído e interativo.

A análise dos dados permite confirmar que o resultado da pesquisa feita por meio dos pressupostos teóricos aponta para os mesmos resultados obtidos através do questionário. A pesquisa realizada com 26 alunos, mostra que 61,53 % dos alunos (Gráfico 1) dizem gostar de ler e apenas 38,46% não gostam; ao perguntar a frequência das leituras apenas 7,69% dos alunos afirmaram ler sempre, 11,53% dizem nunca ler, dentre os motivos apresentados pela falta de hábito da leitura estão: a falta de tempo ou de interesse, dados que comprovam o pensamento de Gomes (2013) de que “o trabalho que se demanda para ser um leitor proficiente vai de encontro à pressa que o tempo impõe às sociedades pós-modernas (...)”, 19,26% lêem regularmente e 61,53% afirmam ler às vezes, as razões prestadas pelos alunos são: por não gostar de ler ou só lêem quando a professora solicita.

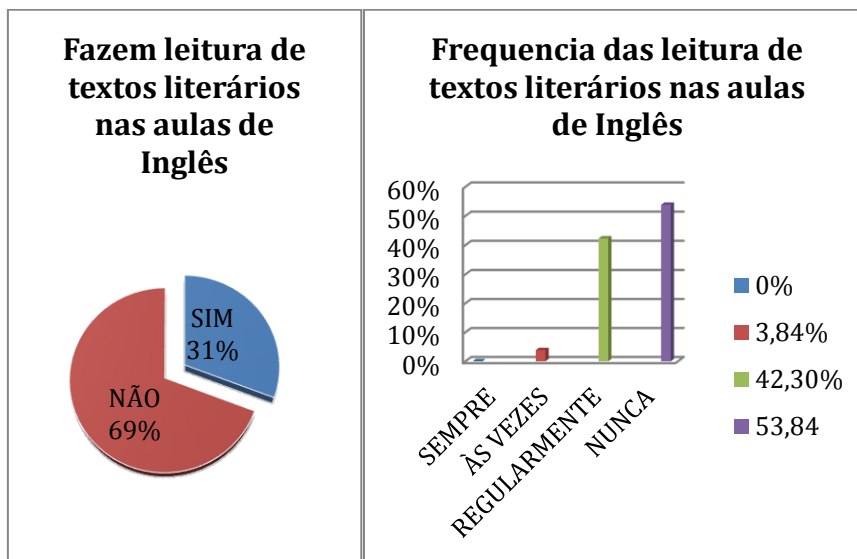
Gráfico 1: Sobre gosto e frequência de leitura



Fonte: Dados coletados pela autora, 2015.

Como se pode verificar na análise gráfica, 69% dos alunos dizem não fazer leitura de textos literários como contos, romances, poemas e outros gêneros nas aulas de inglês e 31% afirmam que lêem, destacando assim as ideias sustentadas por Holden (2002) que pondera que o uso da literatura nas aulas de inglês não é uma prática tão comum, porém ao questionar a professora regente sobre este fato, ela afirmou que como esta escola adota a apostila como material didático, muitos dos textos trabalhados em sala de aula são provenientes dela e os alunos acabam não considerando estes textos literários. Ao perguntar sobre a frequência de leitura destes textos 42,30% alegam que lêem estes textos regularmente e 53,84% dizem nunca ler e uma pequena porcentagem, 3,84%, asseguram ler às vezes.

Gráfico 2: Sobre frequência de leitura de textos literários nas aulas de inglês

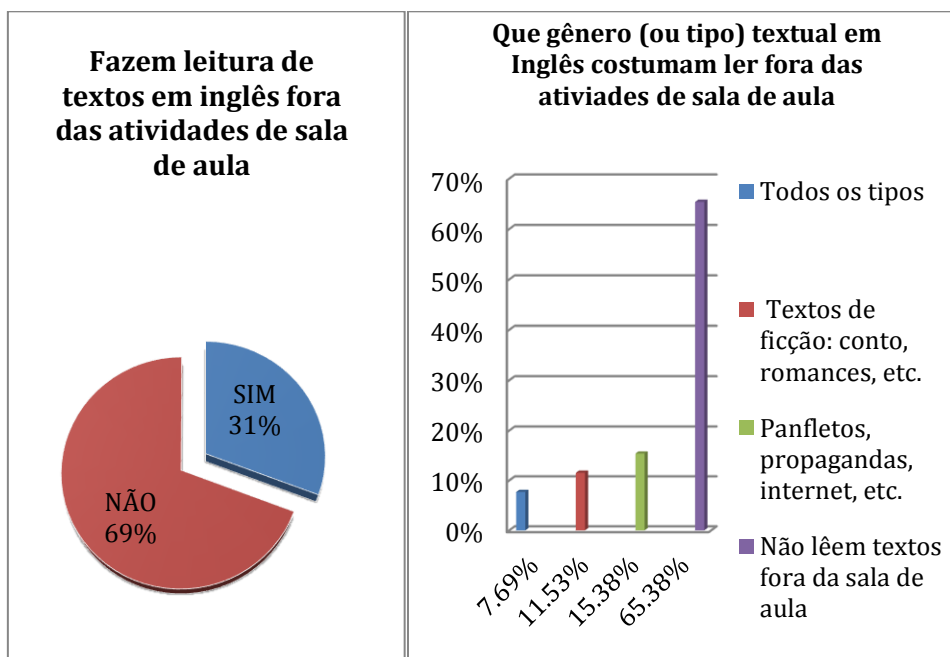


Fonte: Dados coletados pela autora, 2015.

Ao questionar aos alunos a respeito de como estavam às leituras fora da sala de aula, obteve-se um resultado surpreendente, pois 69% deles (Gráfico 3) afirmaram que não fazem nenhum tipo de leitura extraclasse e apenas 31% garantiram ler textos além dos passados pelo professor. Ao sondar os gêneros que eles mais lêem no período fora da sala de aula 65,38% disseram não ler textos fora das atividades de sala; 11,53% dizem ler textos de ficção como contos e romances; 7,69% lêem todos os tipos de textos e por fim 15,38% asseguraram ler panfletos, propagandas, textos da internet, etc, este dado aponta a tecnologia como um meio de inserir a leitura no dia a dia do aluno, mesmo que por um número simbólico, os alunos buscam mais a leitura por meio da internet.

Estes resultados (Gráfico 3) nos mostram, assim como a pesquisa feita Retratos da Leitura no Brasil, o quanto à leitura está ausente do cotidiano dos educandos, que eles preferem outros tipos de atividades do que qualquer tipo de leitura, para eles ler é sinônimo de tarefa escolar, se não for por determinação do professor, poucos pegam um livro, pelo simples prazer de ler.

Gráfico 3: Sobre leitura de textos em inglês extraclasse

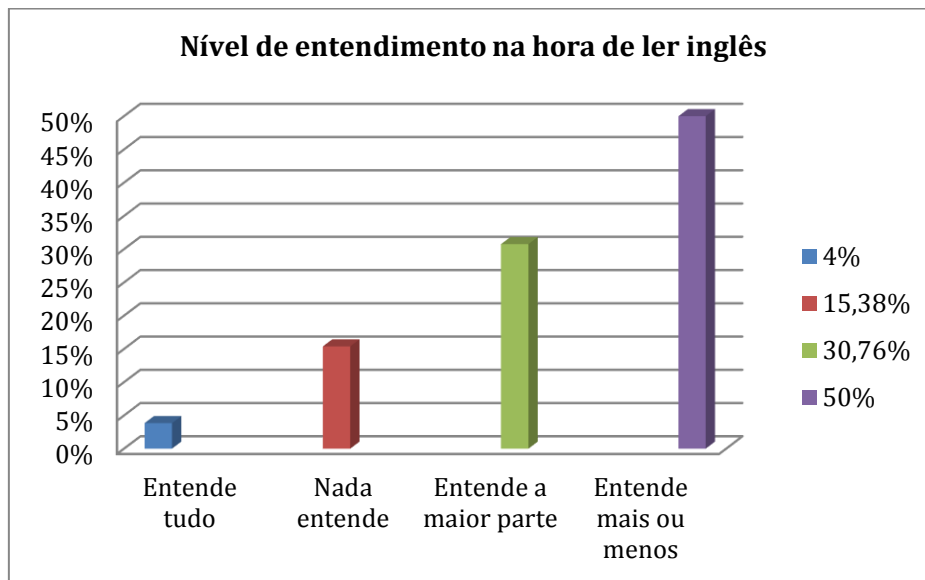


Fonte: Dados coletados pela autora, 2015.

Outro ponto questionado aos alunos foi a respeito do nível de entendimentos na hora de ler em inglês apenas 4% dizem entender tudo; 15,38% asseguram que nada entendem; 30,76% entendem a maior parte e 50% entendem mais ou menos, conforme a demonstração gráfica abaixo. Estes dados se refletem pelo fato de se

tratar de alunos de uma escola particular, muitos fazem cursos de idiomas e a aluna que afirma entender tudo está em um nível avançado no inglês, portanto metade da classe tem uma noção do idioma, o que favorece as aulas de inglês.

Gráfico 4: Sobre nível de entendimento na hora de ler inglês



Fonte: Dados coletados pela autora, 2015.

Depois de levantados os dados a respeito ao hábito de leitura tanto na sala de aula quanto fora dela, foi perguntado para os alunos a respeito do costume de assistir filmes, para se obter uma comparação e fazer uma análise, para então verificar se a união de ambas as ferramentas auxiliariam no entendimento na hora de ler textos em inglês e se também colaboraria na motivação e interesse pela leitura.

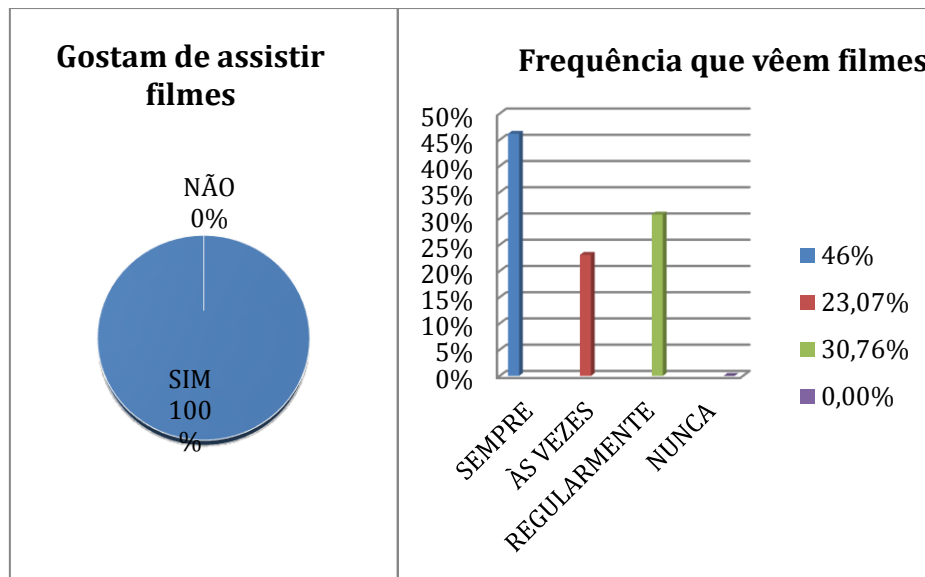
O Gráfico 5 mostra que todos os alunos gostam de assistir filmes, agora se compararmos esse dado com os do Gráfico 1, que trata do número de alunos que gostam de ler, verificaremos que há uma diferença até que expressiva entre ambos.

Com relação à frequência que os alunos assistem filmes 46% sempre assistem algum tipo de filme, 23,07% às vezes o fazem e 30,76% vêem filmes regularmente, com estes resultados notaremos que mais uma vez a mídia tem mais espaço na vida dos alunos e que eles dedicam um tempo maior para ficar na frente da televisão do que lendo um livro.

Diante disso, percebemos o quanto o cinema está presente na vida dos alunos, ao contrário da leitura, isto ocorre, pois atualmente o mundo está vivendo um momento de pressa constante e o tempo que se leva para se dedicar a leitura

de um livro vai de encontro com a rapidez que as novas tecnologias trazem as informações (GOMES, 2013, p. 12).

Gráfico 5: Sobre o gosto e frequência em ver filmes

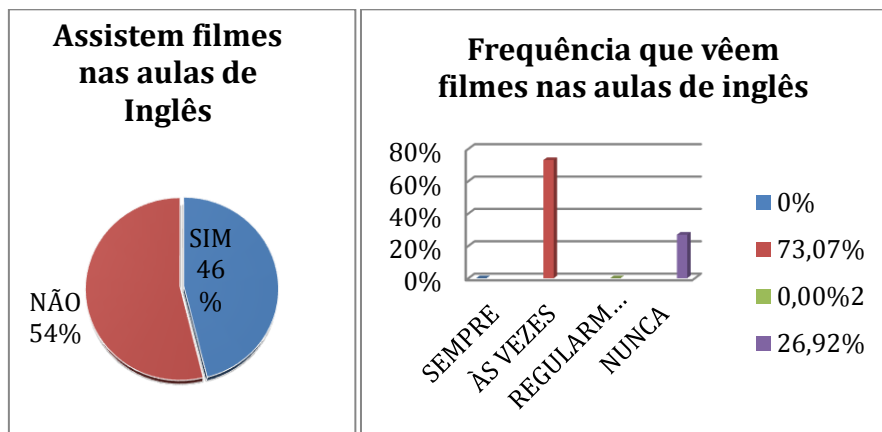


Fonte: Dados coletados pela autora, 2015.

Ao observar o Gráfico 6 percebe-se que quase a metade da turma (46% dos alunos) concordam que assistem filmes nas aulas de inglês e que, às vezes, isto ocorre, nas justificativas apresentadas pelos alunos, disseram que quando o filme é passado em sala, ele geralmente é relacionado ao conteúdo e tem como objetivo fazer algum tipo de atividade relacionada com o filme.

Se confrontarmos os dados referente à frequência do Gráfico 6 com os obtidos no Gráfico 2 (frequência de leitura de textos literários nas aulas de inglês), concluiremos que é dedicado mais tempo para leituras do que para filmes, o que é esperado, pois os PCNs priorizam a leitura, não que outras habilidades não possam ser utilizadas, mas elas devem ser trabalhadas através de textos que cheguem até elas.

Gráfico 6: Sobre frequência de filmes às aulas de Inglês

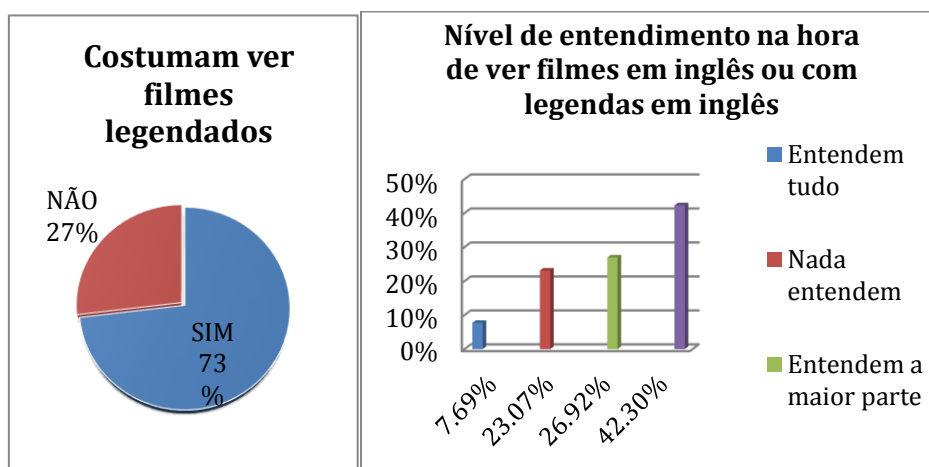


Fonte: Dados coletados pela autora, 2015.

Outro dado levantado foi a respeito do hábito de assistirem filmes legendados (Gráfico 7), sendo que 73% dos alunos assistem filmes com legendas, o que é muito bom, pois além de praticar a leitura e desenvolver a agilidade durante ela, com isto tem que prestar atenção nas legendas, nas imagens e nos sons, o aluno pode também praticar o *listening* e aproveitar a qualidade de som do filme, característica que se perde um pouco com filmes dublados.

Sobre o nível de entendimento na hora de ler as legendas em inglês, a maioria com 42,30% descrevem que entendem mais ou menos as legendas em outro idioma; 26,92% compreendem a maior parte, 23,07% não entendem nada e apenas 7,69% afirmam compreender tudo. Este número nos mostra que é possível sim se utilizar de filmes com legendas em inglês na sala de aula, pois grande parte dos educandos já estão familiarizado com o idioma.

Gráfico 7: Sobre filmes legendados e nível de entendimento



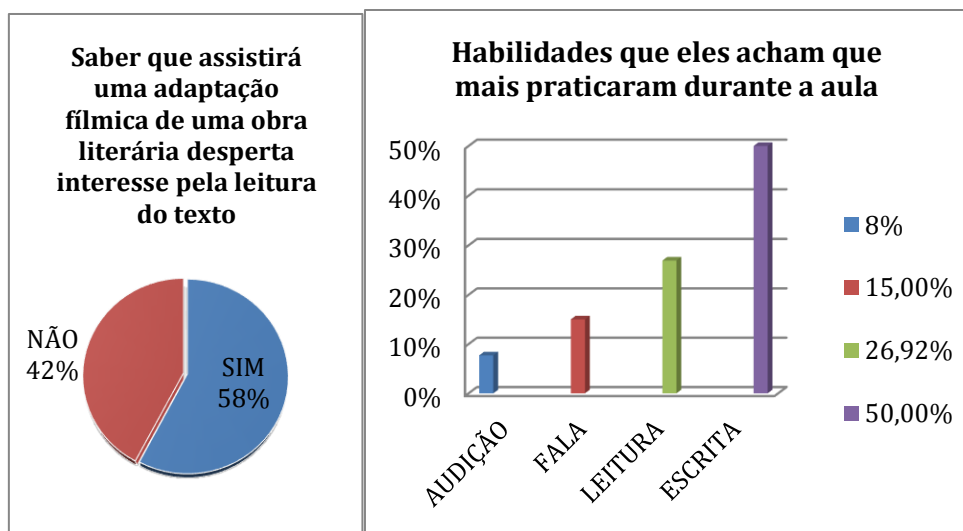
Fonte: Dados coletados pela autora, 2015.

Ao investigar se as adaptações fílmicas promoveriam o interesse pela leitura dos clássicos obtivemos um resultado satisfatório, pois 58% (Gráfico 8) dos alunos disseram que saber que vão assistir um filme que uma adaptação de uma obra literária desperta o interesse pela leitura da mesma, fato que Silva (2008) explica que essa fascinação e interesse “(...) está ligada a própria grandeza das produções cinematográficas, as quais tendem a serem elementos de atração para o público, muitas vezes maiores do que o próprio conteúdo das adaptações (...)” (p. 36)

Neste cerne, Santos (2014) nos faz perceber o quanto o professor pode explorar este campo, pois ele pode tanto fazer tornar o filme um suporte, quando utilizado depois do texto, quanto um paratexto, ao usar o filme antes de ler a obra literária, desfazendo a visão de que aula de literatura é entediante, tornando-a algo mais leve e descontraído, sem perder o foco principal que é levar o aluno à leitura das obras.

No que diz respeito às habilidades desenvolvidas pelos alunos durante as aulas, 08% dos alunos acharam que praticaram mais a audição, 15% a fala, 26,92% a leitura e 50% a escrita. Estes resultados nos mostra que é possível desenvolver todas as habilidades durante a mesma aula, umas mais outras menos, entretanto a escrita foi a que mais se destacou, pois no entendimento dos alunos a produção textual foi a que eles tiveram como resultado final das atividades, bem como a produção do vídeo, que para produzi-lo também foi necessário a escrita.

Gráfico 8: Sobre assistir adaptação fílmica x interesse por leitura

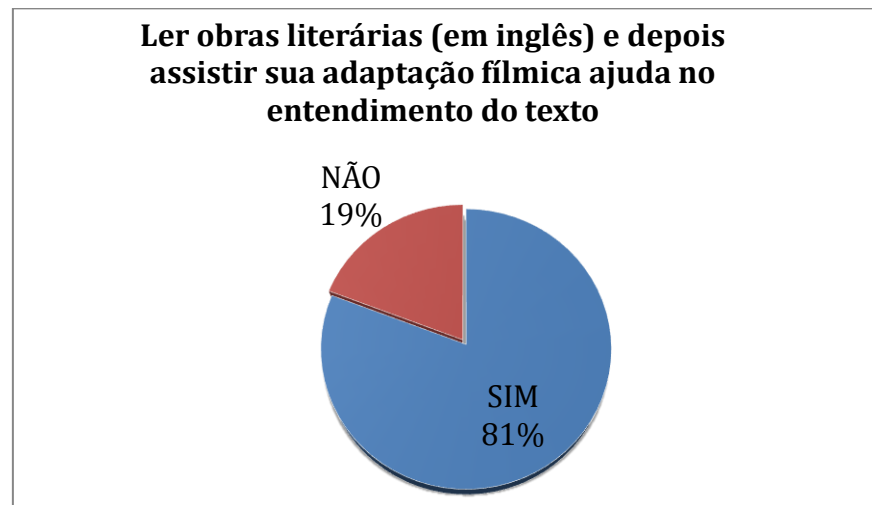


Fonte: Dados coletados pela autora, 2015.

Com base nos dados do gráfico 9 podemos entender o quanto o cinema pode colaborar na compreensão dos textos literários, pois 81% dos educandos

acreditam que entendem mais através das adaptações e isto retoma as ideias apresentadas por Vomer e Kunz (2009) que afirmam que “a relação simbiótica entre cinema e literatura ultrapassa a organização narrativa, pois envolve igualmente aspectos relativos às linguagens verbal e visual, o que define os sentidos do texto.” (p. 86)

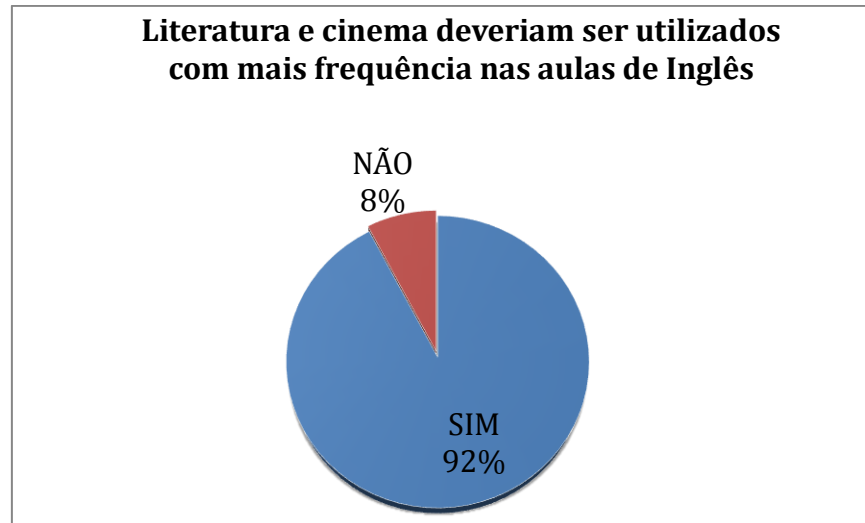
Gráfico 09: Sobre se ler obras literárias e ver adaptação fílmica auxilia no entendimento do texto



Fonte: Dados coletados pela autora, 2015.

Sendo assim, a última pergunta se responde por si só: literatura e cinema deveriam ser utilizados com mais frequência nas aulas de inglês, 92% dos alunos disseram que sim. Infere-se então que estas duas ferramentas são agradáveis aos olhos dos alunos, e que se aliadas a um propósito, que é a leitura, podemos retirar grande proveito delas e proporcionar aos aprendizes, “subsídios para uma melhor formação literária, como elemento prazeroso e dotado de múltiplas dimensões (...)” (SANTOS, 2014, p. 82).

Gráfico 10: Sobre se literatura e cinema deveriam ser utilizados mais frequentemente nas aulas de inglês.



Fonte: Dados coletados pela autora, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande desafio, atualmente, é ensinar em tempos nos quais a tecnologia tem imperado nos meios sociais e educacionais. Competir com celulares, jogos, tablets, entre outros dispositivos tecnológicos, não tem sido tarefa fácil para o professor, bem como para a prática da leitura, que tem ficado de lado, dando lugar para as tecnologias contemporâneas. Contudo, não se pode deixar que essas transformações se oponham como barreiras para ensinar. Deve-se aprender a utilizá-las a nosso favor e torná-las aliadas do conhecimento.

Durante as aulas foi possível perceber o quanto é difícil prender a atenção do aluno durante a leitura do texto, principalmente por se tratar de outra língua, em que o foco principal é a prática da leitura. Entretanto, ao promover discussões ao redor do texto, trazendo curiosidades pertinentes a época em que foi escrita, bem como as mensagens por de trás da leitura, o interesse e atenção dos alunos voltaram para o texto. Isto revela que o aluno está interessado em aprender, depende de como se apresenta o conteúdo e o quanto o envolvemos na leitura.

O mesmo ocorre durante a exibição do filme: deve-se traçar objetivos com ele e apresentá-los aos alunos, para que no final o filme não seja só “matação” de tempo, pois eles devem saber o que se espera deles ao final da projeção cinematográfica. Uma das dificuldades encontradas durante a exibição da adaptação foi o tempo destinado as aulas, como foram disponibilizadas apenas 4 aulas para realizar tal projeto, algumas das atividades pré estabelecidas, não foram

possíveis de desenvolver, com isto percebeu-se que para tal planejamento de aula o tempo destinado a elas é muito importante.

No que diz respeito à pesquisa apresentada, é de fundamental relevância que fique claro que não era o intuito apresentar uma proposta pedagógica que solucionasse todos os problemas com relação à leitura nas aulas de inglês. O objetivo foi propor o cinema como uma ferramenta mediadora para o ensino de literatura, pois “a obra audiovisual se torna mais propícia para compreensão por encontrar no interpretante uma maneira de (re)significar o texto fonte.” (SANTOS, 2014, p. 140).

Incentivar a leitura por meio de projetos pedagógicos é possível. Vale à pena o investimento. Se a tecnologia for utilizada em prol da educação, pode-se quebrar certos paradigmas e não se precisa mais competir e, sim, ganhar com as novas tecnologias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf>

CORCHS, M. **O Uso de Textos Literários no Ensino de Língua Inglesa**. 2006. 97 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE. 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas S.A. 2002.

GOMES, V. M. C. **Literatura e cinema no ensino do FLE: contribuições para a leitura**. CiFale - II Congresso internacional da Faculdade de Letras da UFRJ – Línguas literatura e diálogos - SIMPÓSIO - Aula de língua e gêneros literários: metodologias e saberes. Rio de Janeiro. 2013.

HOLDEN, S. **O Ensino de língua Inglesa nos dias atuais**. São Paulo: SBS – Special Book Service. 2009.

HOLDEN, S. **O Ensino da Língua Inglesa**. São Paulo: SBS – Special Book Service. 2001.

LAZAR, G. **Literature and Language teaching. A guide for teachers and trainers**. Cambridge: Cambridge University press, 2004.

LIMA, L. R. Texto e discurso no ensino de inglês como língua estrangeira. In: LIMA, D. C. de. (Org). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARTINEZ, P. **Didática de línguas estrangeiras**. Tradução Marco Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema em sala de aula**. 5ª edição. São Paulo: Contexto. 2013.

NAGAMINI, E. **Literatura, televisão e escola: estratégias para leitura de adaptações**. São Paulo: Cortez, 2004.

NERÍ, F. et al. **Número de leitores caiu 9,1% no país em quatro anos, segundo pesquisa**. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/numero-de-leitores-caiu-91-no-pais-em-quatro-anos-segundo-pesquisa.html>>. Acesso: 15 Jan. 2015.

PFROMM NETTO, S. **Telas que ensinam. Mídia e aprendizagem: do cinema às tecnologias digitais**. São Paulo: Editora Alínea. 2011.

SANTOS, N. E. P. **Cinema e literatura: a adaptação fílmica como suporte à leitura literária em contexto de ensino do francês como língua estrangeira**. 2014. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e ensino) – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, MS. 2014.

SCHMITZ, J. R. Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola pública: uma meta alcançável? In: LIMA, D. C. de. (Org). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SELBACH, S. *et al.* **Língua estrangeira e didática**. Petrópolis: Editora vozes, 2010.

SILVA, J. M. **Leitura, literatura e cinema na sala de aula: uma cena**. 2008. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS. 2008.

TOMITCH, L. M. B. Aquisição de leitura em língua inglesa. In: LIMA, D. C. de. (Org). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

VOLMER, L.; KUNZ, M. A. Literatura e Cinema na sala de aula. In: CONTE, D.; VOLMER, L.; GRÉGIS, R. A. (org.). **Espaços de encontro: literatura, cinema, linguagem, ensino**. Novo Hamburgo: Feevale. 2009. p. 83-94.

WATERMANN *et al.* Leitura em Língua Inglesa. **Revista Voz das Letras**. Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, número 10, II Semestre de 2008

Recebido: 07 out. 2016.

Aprovado: 09 ago. 2017.

DOI:

Como citar: MELLO, E. F. C. ; NICODEM. M. M. F. ; Literatura e cinema nas aulas de língua inglesa: promovendo a cultura. R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v. 8, n. 16, 2017. E – 4716.
Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/recit>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

